

Sejamos sérios e debruçemo-nos sobre a única realidade que verdadeiramente existia naquele tempo: a religião e os mitos que a envolviam.

Essa realidade nos ensina que o Egito é, sem contestação, a pátria do culto solar. É o Sol que se levanta a este com o nome de Horus e deita-se a oeste com o nome de Aton, de Tum, ou ainda de Aw.

Tocamos aí, no quadro do Egito antigo, a “missão civilizadora” autêntica de todo um povo.

Cada povo recebe, como efeito, tradicionalmente, a sua “missão histórica”: os “guias espirituais”, Hermes Trimegista no gênero, são as suas luzes visíveis. É sem dúvida Hermes o “três vezes grande” que se encarregou da “missão” do Egito, para retomar uma expressão do esoterista Saint-Yves de Alveydre<sup>1</sup>.

Quem de outro modo nos explicará o nascimento, no Egito, do conceito infinitamente mais sutil de “Sol Invisível”, de “Sol Negro”, considerado como o “Sol noturno” no seu curso elíptico, inacessível às nossas investigações, o modelo das evoluções misteriosas da matéria entre a morte e o retorno à vida... O protótipo da alquimia e da moderna psicanálise!

Claude de Saint-Martin, justamente apelidado o “Filósofo desconhecido”, foi o primeiro pensador cristão que tentou, no século XVIII, levar o homem de volta ao caminho da tradição. Ensinou a ligação do cristianismo à Atlântida através do Egito, o druidismo e o mosaísmo primitivo do Livro de Enoch.

Essa filiação foi recentemente sustentada pelo saudoso Paul Le Cour, fundador da revista de arqueologia tradicional *Atlantis*. O culto do Sol chegaria assim aos egípcios através do canal da Atlântida; esse culto olvidado pelos descendentes dos primeiros faraós, seria atualizado pelo iniciado que é objeto de nosso estudo: Akhenaton.

Entre os egípcios — escreve Paul Le Cour — existia a crença num Deus Supremo e num segundo deus, o Sol criador. Uma estrela do Museu

1. Este autor escreveu *Mission de l'Inde, Mission des Juifs, Mission des souverains* etc. Em compensação não escreveu nunca “*Mission de l'Egypte*”, e é pena.

de Berlim, denomina o Sol “filho de Deus”. Sobre a porta do templo de Medinet-Abu, Lê-se “É ele, o Sol que fez tudo o que existe e nada jamais foi feito sem ele”, o que São João diria catorze séculos mais tarde falando do Cristo<sup>2</sup>.

Lembramos ao leitor que Akhenaton viveu catorze séculos antes de Jesus Cristo.

O Cristo SOLAR parece ter tido pelo menos duas encarnações, uma na Índia com o nome de KRISHNA a outra na Judéia com o nome de CRISTO (nome quase idêntico, o que explicaria a estranha semelhança da BHAGAVAD-GITA com os EVANGELHOS) (Ibid., p. 82).

Partindo daí, o autor de *A ERA DO AQUÁRIO* precisava seu pensamento e extraía uma conclusão que seria difícil não subscrever.

O primeiro foco da religião solar foi verossimilmente a Atlântida, ou uma região situada próximo a 50 graus de latitude norte (o Hiperbóreo?)<sup>3</sup>. Lá foi criada a primeira esfera celeste, sustentada aliás por Atlas, e foi criado o Zodíaco, que de alguma forma constitui o relógio da religião solar cujas festas religiosas assinala, como também as transformações através dos séculos. Com efeito, da Atlântida a religião solar passou ao México, ao Peru, ao Egito e à Caldéia. Reunidos por uma tradição comum, a dos atlantes, que foi chamado “o povo do Sol”, os egípcios, os mexicanos, os babilônios edificaram templos em cujos frontões se via o disco solar acompanhado de duas asas<sup>4</sup>... A religião hiperbórea era solar, como foi a dos druidas, o culto de Dionísio era solar, o de Mitra também o foi, e o nosso cristianismo é solar na sua essência e no seu simbolismo<sup>5</sup>.

Tocamos nesse ponto exato do raciocínio, no verdadeiro fenômeno que Akhenaton representa na História de nossa humanidade: o de um verdadeiro “suplente” entre a tradição atlante e hiperbórea (ou grande tradição) e a nossa época atual: a civilização judaico-cristã. E faremos nossa a conclusão do grande autor místico Merejkowsky: “A Atlântida,

2. PAUL LE COUR: *Dieu et le dieux*, Dervy éd., Paris, 1951, p. 37.

3. Não esqueçamos que antes da rotação da Terra sobre seu eixo, o pólo do frio encontrava-se perto de Paris, aos menos se acreditarmos em certas teorias.

4. As duas asas simbolizam o dualismo do demiurgo e o do nosso personagem seguinte: Zoroastro. Encontra-se novamente esse dualismo sob o nome de maniqueísmo (bem-ma, luz-trevas) entre os Cátaros. Com relação aos druidas, lembremo-nos dos templos solares de Glastonbury e de Stonehenge.

5. PAUL LE COUR: *op. cit.*, pág. 114-115. Lembremo-nos com relação ao cristianismo, que a hóstia, princípio luminoso, se transforma quando elevada acima do cálice, em princípio solar.